

diálogos com a

GERAÇÃO Z

fronteiras educação

Ano 5 | #02 | 2014



JUSTIÇA,
TOLERÂNCIA
E IGUALDADE

Caminhos que levam à cidadania e à solidariedade

A distinção entre o bem e o mal. Descobrir o que é justo e o que não é. Essas são questões levantadas há milhares de anos. Na Grécia Antiga, motivaram grandes debates entre o filósofo Sócrates e seus discípulos.

A justiça é um dos mais antigos temas da história da humanidade e integra os códigos éticos (religiosos ou filosóficos) das mais diferentes culturas. Seu conceito se refere a um estado ideal de interação entre os indivíduos em que exista um equilíbrio razoável e imparcial entre interesses, riquezas e oportunidades. Em Roma, a justiça era representada por uma estátua com os olhos vendados, pois seu objetivo era que todos fossem iguais perante a lei, com garantias legais e direitos iguais.

A justiça deve buscar a igualdade entre os cidadãos. Um dos grandes desafios enfrentados pela democracia em nossa sociedade é o combate à desigualdade social. Ao mesmo tempo, poucas coisas são tão importantes para a vida em sociedade quanto a tolerância, que é a capacidade de aceitar valores diferentes.

Justiça, tolerância e igualdade são caminhos necessários para a construção de uma sociedade para todos, resultando em mais cidadania e solidariedade.

O que é o bem e o mal? Como saber o que é justo e o que não é? Embora estas sejam questões com as quais nos deparamos todos os dias, elas vêm sendo feitas pela humanidade há milhares de anos.

Não chega a ser surpreendente: a vida em sociedade gera atritos, é inevitável. Vivemos rodeados de pessoas de quem gostamos e, mesmo assim, o convívio diário faz com que surjam desentendimentos.

Cada pessoa é diferente das outras. E o mundo seria menos interessante se todos pensássemos da mesma maneira. Mas os seres humanos logo perceberam que era preciso criar regras para que a vida em conjunto funcionasse melhor. Assim, todos saberiam a maneira de agir, e quem insistisse em fazer de outra forma seria responsabilizado, tendo que restaurar o dano ou enfrentar uma punição. Assim surgiram as leis, que variam de acordo com a época, o país, o estado e mesmo a cidade em que cada um vive.

REALIDADES DIFERENTES, REGRAS DIFERENTES

Existem diversas razões para que as leis não sejam iguais em todo o mundo, pois cada comunidade tem necessidades específicas. Por exemplo: em uma cidade que fica próxima a um deserto, é preciso controlar o consumo de água para que todos tenham o suficiente para beber. Ou, em estados onde há espécies ameaçadas de extinção, é importante proibir a caça para garantir a sobrevivência desses animais.

Além da localização geográfica, fatores culturais também influenciam as leis. Um desses fatores é a religião. Os muçulmanos, por exemplo, só comem carne bovina se o abate do animal for feito de uma determinada maneira, e por isso os países que seguem essa religião determinam regras específicas para este tipo de produção alimentícia.

O mesmo vale para as diferentes épocas. Hoje em dia, há leis que regulamentam o que se pode e o que não se pode fazer na internet. É claro que essas leis não existiam há 50 anos... afinal, nem havia internet!

RELATIVISMO X UNIVERSALISMO

Mas, se existem leis diferentes para tratar de um mesmo assunto, isso quer dizer que nem todas as leis promovem o que é justo – o “bem”? Essa é outra pergunta com milhares de anos. Na Grécia Antiga, ela motivou grandes debates entre o filósofo **Sócrates** e os adeptos do *relativismo*.

Os relativistas defendiam a ideia de que não existem valores absolutos: o que é justo ou correto para um grupo de pessoas pode não ser para outro. Sócrates se opunha a esse princípio, defendendo que os filósofos deveriam buscar as *verdades universais*, aquelas que valem para qualquer lugar e época. Para isso, utilizava um método de discussão inovador baseado no diálogo: ele fazia perguntas simples, ligadas ao cotidiano das pessoas com quem conversava, e deixava que elas percebessem sozinhas suas próprias contradições.

Nossa sociedade foi influenciada por esses dois modos de pensar. Por um lado, o fato de cada país criar as suas leis e não interferir nas dos demais é uma herança do relativismo. No entanto, isso não quer dizer que cada país possa fazer o que bem entender: existem alguns direitos universais, chamados de **Direitos Humanos**. São garantias básicas como o direito à vida, à liberdade de pensamento e de seguir qualquer religião ou de não seguir religião alguma. Eles deveriam servir de referência para todas as leis existentes no mundo. Sócrates diria que eles se baseiam em *verdades universais*. Ideias de um homem que viveu há cerca de 2.500 anos e que ainda influenciam a vida de todas as pessoas.



#Sócrates

(469-399 a.C.)

Filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga. É considerado um dos fundadores da filosofia ocidental.

#Direitos Humanos

São os direitos básicos de todos os seres humanos, como direitos à vida, à propriedade, liberdades de pensamento, de expressão, de crença, igualdade formal, entre outros. A Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) afirma que: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”.

CAPITÃO MASSA



PENSAR A JUSTIÇA

O universo dos super-heróis está fortemente calcado no conceito de justiça. Por essa razão, criamos o jovem aspirante a herói Capitão Massa e transformamos um dos mais populares professores de filosofia da internet em seu mentor, o professor **Michael Sandel**.

A justiça integra os códigos éticos das mais diferentes culturas. **Platão** criou o primeiro sistema educacional. Ele transformou seu mestre Sócrates em personagem para discutir o conceito de justiça na humanidade. O conhecimento e a virtude eram para ele as forças da justiça e a chave para alcançarmos uma república ideal. Tal como seu mentor, defendia o diálogo como meio para a transformação dos indivíduos.

Já seu aluno, **Aristóteles**, defendia uma educação pública ministrada para todos os jovens. A Política era, para o filósofo, o caminho para o bem supremo. Em seu **método peripatético** de ensino, argumentava sobre o relevante papel do Estado, sobre os princípios éticos e estéticos da justiça como lei para o bem comum.

O legado desses filósofos gregos foi retomado na Idade Média por **Tomás de Aquino**, que se propôs a aproximar a fé e a razão, alma e corpo. Aquino andou na contramão dos conceitos cristãos da época, pautados na fé, na intuição e na revelação divina acima de toda argumentação. Para o **escolástico**, a inteligência possibilitava alcançar a essência das coisas e defendia que a porta da felicidade estaria aberta a quem pautasse sua vida em uma conduta eticamente correta. Aquino versava sobre a justiça natural, que todos nascemos com os mesmos direitos, mas que estes eram corrompidos pela justiça humana.

#Michael Sandel (1953)
Filósofo político norte-americano, é conhecido em todo o mundo pelo curso de justiça que ministra na Universidade de Harvard. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2014.

#Platão (428/7-348/7 a.C.)
Filósofo grego, foi o fundador da primeira instituição de ensino superior do Ocidente.

#Aristóteles (384-322 a.C.)
Filósofo grego, discípulo de Platão, tomou por base as ideias deste e reelaborou grande parte de seu pensamento, considerado mais realista em comparação a seu antecessor.

#Tomás de Aquino (1225-1274)
Junto com Santo Agostinho, é um dos principais pensadores da Idade Média. Sua filosofia, chamada "tomista", se caracterizava pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo.

#método peripatético
No Liceu, em Atenas, Aristóteles tinha o hábito de ensinar ao ar livre, caminhando sob as árvores ou sob os *períptoi*, cadeia de colunas que formava um caminho coberto. A palavra passou a designar "ambulante" e a se referir à sua escola, chamada Escola Peripatética.

#escolástico
O termo deriva do latim *schola*, que designava, na época de Tomás de Aquino, o local de encontro e estudo. A filosofia praticada na Idade Média, que ficou conhecida como escolástica, procurava conciliar a fé cristã com os atributos da razão.

Aceitando as diferenças

Por que as guerras acontecem? Essa é uma pergunta que todos nós fazemos. É complicado entender o que pode levar um grupo de pessoas a causar tantas mortes e destruição. Por outro lado, hoje temos uma boa ideia do que poderia evitar tudo isso: a tolerância.

Tolerância é a capacidade de aceitar as diferenças existentes entre pessoas e grupos sociais. É ela que nos permite viver em paz com outros indivíduos, mesmo quando as opiniões não são iguais. Uma sociedade tolerante é aquela onde pessoas de diferentes religiões, estilos de vida e origens étnicas são capazes de conviver em harmonia. As sociedades intolerantes, por sua vez, são aquelas marcadas pela xenofobia, pelo preconceito ou ódio político, social e étnico, pela homofobia ou pelo [extremismo religioso](#).

A tolerância também deve ser aplicada em nossa vida diária. É ela que possibilita termos relações com pessoas com opiniões diferentes das nossas, oriundas de outros lugares ou devotas de outras religiões (ou que não acreditam na existência de Deus). Quando conversamos de maneira civilizada com alguém que tem opiniões diferentes das nossas, as chances de aprendermos algo são maiores, pois, quando surgem as discordâncias, somos obrigados a repensar as nossas ideias para expor o nosso ponto de vista. A tolerância e o diálogo são importantes para o nosso desenvolvimento intelectual. Aliás, sobre isso [Nietzsche](#) nos disse: “A inimiga da verdade não é a mentira, mas a convicção”.

#extremismo religioso

É quando os seguidores de uma religião não aceitam a convivência de forma pacífica com fiéis de outras religiões, pregando a sua conversão ou a expulsão das terras onde vivem. Em alguns casos, pode estar ligado ao fundamentalismo religioso, quando líderes religiosos pregam que todas as pessoas, independentemente de sua crença ou vontade, devem organizar suas vidas de acordo com os textos sagrados de uma determinada religião. É importante ressaltar que a intolerância derivada do fundamentalismo pode ocorrer em todas as religiões.

Compreender o outro

Poucas coisas são tão importantes para a vida em sociedade quanto a tolerância. Nas últimas décadas, as grandes metrópoles do mundo passaram a receber pessoas dos mais diversos países. Quando pessoas com histórias e visões de mundo distintas moram lado a lado, as discordâncias podem ser mais frequentes – e também mais graves –, tornando a tolerância ainda mais fundamental.

No texto “Compreender”, do sociólogo [Pierre Bourdieu](#), embora fale de uma situação específica que ocorre em suas pesquisas e entrevistas com pessoas que vivem em contextos multiétnicos, suas reflexões podem servir para o nosso cotidiano. Bourdieu aponta que, muitas vezes, um raciocínio como “eu acharia isso ruim se fosse comigo?” pode não ser suficiente para compreendermos a maneira como os outros agem. O ideal seria “nos colocarmos no lugar do outro” no sentido pleno da expressão: “se eu fosse essa pessoa, se eu tivesse nascido e crescido no mesmo lugar que ela, se eu *pensasse como ela*, eu acharia isso ruim?”.

Esse tipo de pensamento costuma ser muito trabalhoso, e é preciso calma para conseguir ver as coisas dessa maneira. Mas o esforço pode tornar a vida em sociedade muito melhor.

#Friedrich Nietzsche

(1844-1900)

Filólogo, filósofo, crítico cultural, poeta e compositor alemão. Escreveu muitos textos críticos sobre religião, moral e cultura contemporânea.

#Pierre Bourdieu

(1930-2002)

Sociólogo francês que estudou questões como a cultura, a arte, a mídia e a educação. O texto “Compreender” faz parte do livro *A miséria do mundo*, organizado por ele.

Igualdade entre os cidadãos

Você já deve ter visto a estátua de uma mulher com os olhos vendados e segurando uma balança para representar a justiça. E certamente já ouviu a célebre frase “a justiça é cega”. Mas já parou para pensar o que isso quer dizer?

Para entendermos esses significados, precisamos voltar no tempo até a época da Roma Antiga. Há 2 mil anos, alguns princípios básicos da justiça foram definidos – os que influenciam a nossa vida até hoje. O mais importante é o conceito de “igualdade”, que determina que todos os cidadãos devem ter tratamento semelhante perante a justiça. A justiça seria cega: ela não deve levar em conta a riqueza, a cor, a religião ou a importância de uma pessoa. Sua missão é ater-se aos fatos e tratar todos como iguais.

O conceito de igualdade se estende a diversos aspectos da vida social. Ela também significa que todos devem ter os mesmos direitos e deveres básicos e as mesmas oportunidades de viver e se expressar. Quanto mais igualitária for uma sociedade, mais justa e democrática ela será, não existindo uma [relação hierárquica](#) entre os diferentes grupos que a compõem. Um alto grau de diversidade é sempre um indício de uma democracia sólida.

Modernamente, se entende que, além do princípio da igualdade formal – onde todos são iguais perante a lei –, há que se respeitar, também, o princípio da igualdade material. Isso significa que nem sempre será justo tratar as pessoas da mesma forma. Pense, por exemplo, na lei que reserva vagas para pessoas portadoras de deficiências em concursos públicos. Como exigir que um deficiente visual ou um cadeirante disputem em pé de igualdade uma vaga com pessoas que não têm qualquer tipo de deficiência? Casos assim demonstram que, às vezes, é necessário tratar os diferentes de forma diferente, para que se possa minimizar desigualdades pré-existentes.

#relação hierárquica

É uma relação em que diferentes grupos de pessoas têm direitos e tratamentos distintos e onde um grupo se fortalece como dominante. Um exemplo é o Brasil do período colonial, antes da abolição da escravidão.

Um desafio para a democracia

Um dos maiores desafios enfrentados pela democracia em nossa sociedade é o combate à desigualdade social. Faz-se importante entender a diferença entre pobreza e desigualdade social.

A pobreza, em maior ou menor grau, existe em qualquer país: ela afeta aquelas pessoas que não possuem dinheiro suficiente para suprir as suas necessidades, e mesmo nos países mais ricos há parcelas (ainda que pequenas) da população atingida. Nos países mais pobres, onde se trata de um problema generalizado, pode estar ligada ainda à falta de infraestrutura e a uma história de exploração e violência.

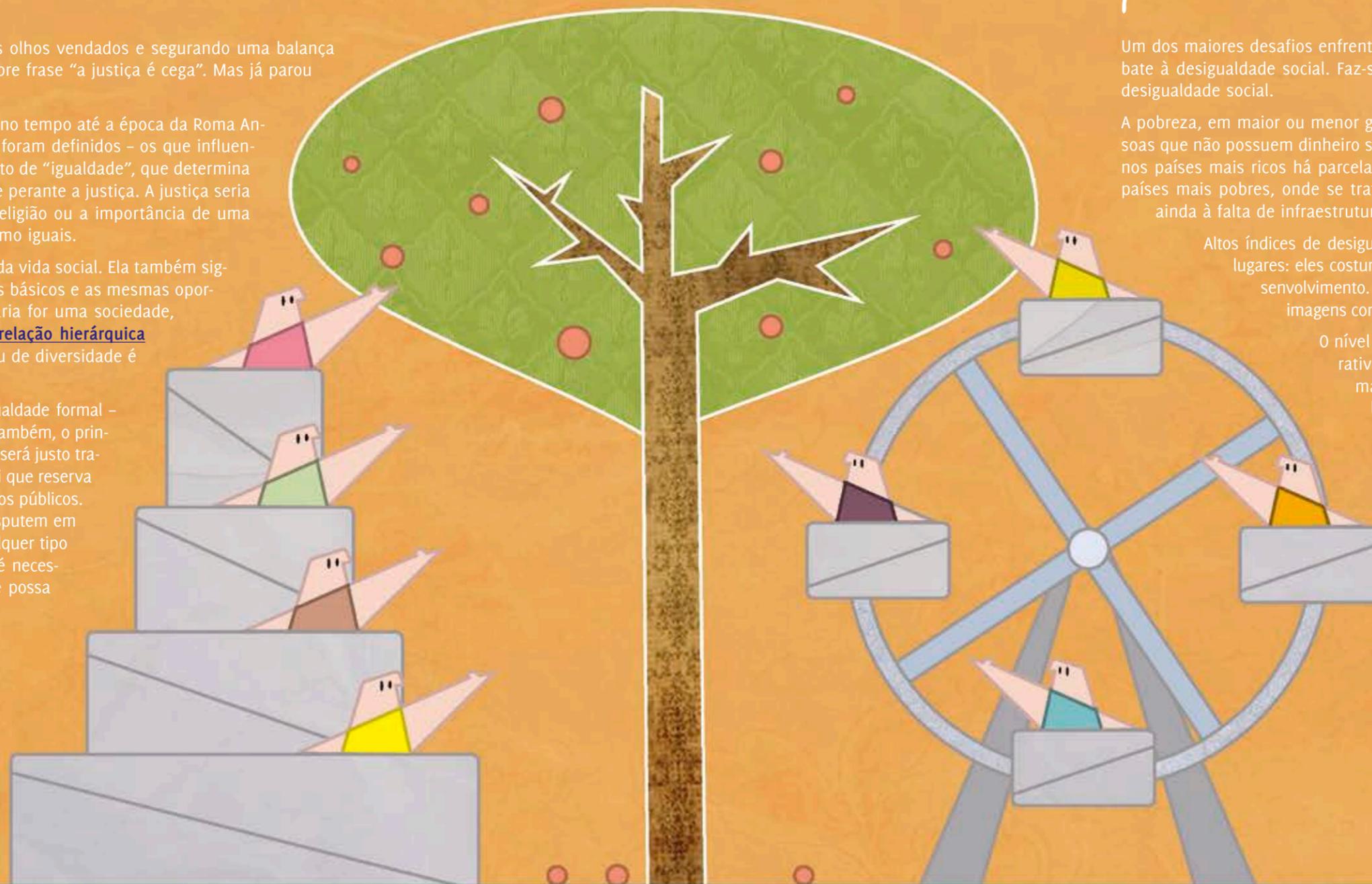
Altos índices de desigualdade social, por sua vez, não existem em todos os lugares: eles costumam ser verificados principalmente nos países em desenvolvimento. Um cenário de grande desigualdade se caracteriza por imagens contrastantes de qualidade de vida e hábitos de consumo.

O nível de desigualdade social, portanto, é um valor comparativo: ele revela a diferença de renda entre as pessoas mais ricas e as mais pobres que vivem em um mesmo lugar. Ela pode ser medida pelo [Índice de Gini](#). Em 2012, o índice do Brasil era de 51,9 – embora os resultados venham melhorando nos últimos anos, ainda é um dos piores do mundo.

Para que a nossa sociedade seja capaz de oferecer igualdade de oportunidades a todos, a criação de estratégias de combate à desigualdade social é imprescindível.

#Índice de Gini

Utilizado para medir o nível de desigualdade social dos países. Varia de 0 a 100: quanto mais próximo de 100, maior é o nível de desigualdade.



O indiferente

Capitão Massa marcou um encontro com o Professor Sandel, após alguns dias de estudo na Biblioteca Municipal.

“Meu caro jovem, me acompanhe. Este lugar possui uma sala que muito tem a ver com seu atual interesse por justiça”, comentou o Professor, que guiou o Capitão até um pequeno cômodo de luz amarela repleto de fotografias. Lá figuravam os principais vilões da humanidade. “Quem é aquele em destaque?”, perguntou o jovem com curiosidade.

“Este, gurí, é o Indiferente. Ele criou um grande exército por meio de uma sedutora ideia: a criação de uma sociedade superior. Aqueles que o seguissem estariam travando uma luta por um mundo melhor.

“Todavia, seu discurso fazia um jogo perverso de palavras. Ele não desejava uma sociedade de iguais, mas uma terra sem diferentes.

“Pode parecer a mesma coisa, mas não é. O Indiferente visava criar uma terra de uma única raça, superior. Seriam todos iguais, mas não porque teriam direitos iguais, mas

porque não haveria pessoas de raças, gêneros, religiões ou culturas diferentes.

“Um de seus líderes, o Ceifador, utiliza como exemplo a jardinagem. Dizia que era preciso remover as ervas daninhas, mantendo afastadas suas influências perigosas. Um jardim não pode prosperar sem um jardineiro, pois tais ervas o deformariam se não fosse por ele cuidado. E o jardineiro, é claro, seria o Indiferente e seu projeto para erradicar a diferença.

“Suas vítimas primeiras foram as pessoas de difícil definição e, por isso, diferentes em qualquer contexto. Eram os povos e culturas sem pátria determinada, como os ciganos, e todos que não eram heterossexuais.

“As forças do Indiferente cresceram e ele se tornou uma das maiores ameaças que a História registrou. Conseguiu grandes aliados, mas acabou sendo derrotado.

“Infelizmente, ainda há vestígios de suas ideias espalhados secretamente em nosso mundo.”

#Adolf Hitler

(1889-1945)

Principal liderança do movimento nazista, disseminou o terror sobre as minorias étnicas na Alemanha e, depois, em todo o mundo. Implementou programas secretos para o assassinato de pessoas com deficiência e ergueu campos de concentração e extermínio onde foram mortos mais de 6 milhões de judeus.

#Zygmunt Bauman

(1925)

Sociólogo polonês, conhecido mundialmente por seu conceito de “modernidade líquida”, em que ideias de emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade estão propensas a mudar de forma rápida e imprevisível. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2011.

#Amartya Sen

(1933)

Economista, Prêmio Nobel de Economia em 1998. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2012.

O cultivo da homogeneidade

A Segunda Guerra Mundial é a base para uma série de debates sobre justiça e tolerância, com destaque para os episódios relacionados ao Nazismo alemão e a seu líder, **Adolf Hitler** (caracterizado na forma do personagem Indiferente).

Na obra *Modernidade e ambivalência*, **Zygmunt Bauman** evidencia a luta do Nazismo em direção à homogeneidade. Hitler incitou a perseguição a todos que não faziam parte da “raça ariana”. Seu ideal se opunha a judeus e ciganos por sua ambivalência, pois eram alemães, em certa medida, mas ainda pertenciam a outro povo. Os nazistas tinham por objetivo criar uma nação homogênea, ou seja, onde todos tivessem apenas uma nação e uma raça.

O discurso do jardineiro e das ervas daninhas foi um exemplo real da oposição à diferença, proferido por Richard Walter Darré, em 1930, antes de se tornar ministro nazista, que incitava o cultivo de apenas uma forma de cultura.

Igualdade, liberdade e diversidade

Amartya Sen defende a heterogeneidade do ser humano, por um lado, e a igualdade de capacidades, por outro. Todos somos diferentes em maior ou menor grau.

Dentro da diversidade humana, Sen defende que devemos buscar a igualdade de oportunidades, na qual cada um possa escolher seus objetivos e como guiar sua vida por eles. É condição essencial, para tanto, a existência de liberdade de escolha.

O problema da desigualdade é justamente não dar oportunidade para as pessoas desenvolverem suas capacidades e os recursos para usufruí-las, gerando um *déficit* de liberdade aos desfavorecidos. Isso ocorre por meio da pobreza, da exclusão e da desigualdade social.

Dentro da visão da diversidade das pessoas, Amartya Sen defende que os líderes considerem, ao pensar em políticas sociais, não apenas oportunidades para o “ter”, mas principalmente ao “ser” e “fazer”.

Equilíbrio da cidadania

Segundo o dicionário, cidadania é a condição legal que dá a uma pessoa o direito de votar, receber atendimento de saúde nos hospitais do governo e estudar em escolas ou universidades públicas, dentre outras coisas.

A cidadania pode ser pensada como uma espécie de contrato, através do qual cada cidadão se compromete a cumprir uma série de obrigações em troca de determinados direitos. Também ouvimos falar que alguém “exerceu sua cidadania” quando fez as suas obrigações ou quando exigiu os seus direitos.

Muitas vezes, direitos e deveres têm uma relação direta. Assim como nenhum cidadão deve roubar os pertences de outro, todo cidadão tem o direito de não ter os seus pertences roubados. Nestes casos, os direitos e deveres são ditados pela lei. Mas também existem outros tipos de direitos: morais, religiosos etc. Ninguém será preso caso deixe de ajudar um idoso a atravessar a rua, mas isso não quer dizer que sua atitude seja moralmente correta.

A cidadania funciona melhor em situação de igualdade, com todas as pessoas podendo exercê-la, para um bom funcionamento da sociedade. Pode parecer que separar o lixo orgânico do reciclável na sua casa não fará diferença para o meio ambiente – mas, se todos o fizerem, o impacto positivo será imenso. Por outro lado, se alguém não respeitar os direitos de outra pessoa poderá ter os seus direitos reduzidos. A igualdade entre direitos e deveres, portanto, é uma das condições básicas para a cidadania plena.

Direitos e Deveres...

Os direitos e os deveres intermediam as relações interpessoais, sendo ameaçados quando há uma imposição do individualismo. Em parte, o que nos leva a cumprir com nossos deveres é também a preocupação com os outros.

Ao cometer um ato de vandalismo, como quebrar uma placa ou atirar pedras em um ônibus, o responsável pela infração não prejudica apenas uma

pessoa, mas todas as que vivem naquela cidade. Nós pagamos pelos bens públicos através dos impostos, e devemos cuidar deles – afinal, de certa forma, eles são nossos.

O exercício da cidadania é, portanto, ao mesmo tempo um gesto de interesse pessoal e de cuidado com o outro. Mas para que tudo funcione bem, é fundamental conhecermos nossos direitos e obrigações.



...na escola

- Todo jovem tem direito de acesso à educação.
- O aluno tem o direito de ter sua crença religiosa ou de não ter crença e de ter suas opiniões respeitadas pelos colegas e professores. Da mesma forma, deve respeitar as opiniões e as crenças ou a descrença dos outros.
- É obrigação de todos cuidar do material e do espaço físico da escola. Lembre-se de que outros também os utilizam.
- É dever do aluno estudar todos os conteúdos, assim como é dever do professor explicar as matérias e responder às dúvidas que surjam.

...em casa

- Devemos respeitar a família.
- Cooperar para o bom funcionamento e organização da casa é dever de todos.
- É seu direito expor sua opinião, buscando resolver conflitos através do diálogo, mesmo que os demais nem sempre concordem.

...em sociedade

- Cabe a todos cumprir as leis e ajudar a cuidar do patrimônio público.
- Maiores de 16 anos têm direito a votar e escolher os representantes de nosso país.
- A partir dos 12 anos, adolescentes que cometem atos definidos como “infracionais” serão responsabilizados judicialmente. A depender da gravidade desses atos, podem cumprir medidas de privação da liberdade em instituições.
- É direito de todos exigir serviços de qualidade e fiscalizar as instituições públicas, bem como a atuação dos políticos eleitos.

Sem superpoderes

A história de muitos super-heróis começa a ser contada a partir da época de escola. Comumente, os personagens são vítimas dos alunos mais populares ou excluídos de uma maneira geral. Mas, graças a algum tipo de evento mágico, adquirem superpoderes.

Interessante notar a força que esse tipo de abordagem adquiriu no século XXI. Muitos personagens ganharam roupagem adolescente e foco no universo estudantil, como foi o caso dos X-Men na série animada *X-Men: Evolution* e da versão cinematográfica de *Homem-Aranha*, com Tobey Maguire.

Fora da ficção, contudo, encarar os desafios sem superpoderes não é tarefa fácil. Quando há uma situação de opressão em ambiente escolar, muitas vezes as vítimas ficam acuadas, sem poder de reação. A força opressiva tende a ser maior que a força do oprimido, seja por ser maior o número de agressores ou por deter formas de poder superiores.

Este fenômeno, cujas ocorrências não são recentes, se tornou uma grande questão no universo educacional e ganhou a alcunha de *bullying*.

Atualmente, o conceito de *bullying* está relacionado não somente à violência física, mas inclui também a violência moral (agressão verbal, humilhação, exposição, apelidos cruéis). Os atos são intencionais – a violência é praticada com a intenção de agredir o outro – e repetidos.

Ele pode ser praticado por um único agressor ou por um grupo maior, em diversos contextos, não apenas na escola. Quando os agressores se valem de postagens nas redes sociais, de mensagens por celular ou outros recursos de comunicação, temos o chamado *cyberbullying*, que pode ser ainda mais cruel, por expor as vítimas à humilhação pública.

Sabe-se hoje que as vítimas de *bullying* podem desenvolver vários sintomas e mesmo doenças, tendem a faltar mais às aulas e a diminuir seu desempenho na escola. É comum que as vítimas tenham ideação suicida ou que reajam de forma violenta diante dos autores. Nos Estados Unidos, muitos dos casos de massacres em escolas foram protagonizados por vítimas de *bullying*. Estudos recentes mostram que autores e vítimas de *bullying* têm muito mais chances de serem adultos violentos, quando comparados com aqueles que não passaram por esta experiência. O problema, portanto, é sério e precisa ser conhecido e enfrentado.

Para além da escola, o *bullying* se desdobra na vida adulta como homofobia, racismo e outras formas de discriminação. Este é, inclusive, o foco original da série *X-Men*: os mutantes representam as vítimas da discriminação social.

Mudança de atitude

Onde estão as vítimas? Muitos veem e convivem com situações de *bullying*, mas se calam diante delas, seja em ato, seja em denúncia. Muitos temem a represália por terem apontado o opressor ou temem se tornar vítimas do *bullying* também.

Uma pergunta mais delicada acerca desse tema é: somos nós opressores? Podemos estar praticando o *bullying* sem reconhecer? Qual seria, por exemplo, o limite da brincadeira?

Se identificarmos em nós o opressor, precisamos buscar formas de transformar a situação, por meio do diálogo, de atitudes e da mudança de postura. É preciso estar atento e observar os efeitos dos nossos atos e brincadeiras, saber o momento de parar e de reparar exageros.

Na luta contra o *bullying* muitas campanhas foram desenvolvidas por canais televisivos, como Nickelodeon, Cartoon Network (que criou o [Chega de Bullying](#), MTV e Disney Channel, além de iniciativas do Facebook.

#Chega de Bullying

Campanha do canal Cartoon Network, criada com qualidade dialógica e linguagem acessível aos jovens: www.chegadebullying.com.br

A COISA CERTA A FAZER



Sou Michael Sandel, professor de Filosofia Política em Harvard, nos Estados Unidos. Meus poderes estão em minha mente. Utilizo a palavra para levar a justiça ao mundo. Aliás, “justiça” é o nome de minhas aulas na universidade que se transformaram em vídeo e foram espalhadas por todo o mundo graças às tecnologias de comunicação e informação digitais.

Encontrei na mente dos seres humanos a dúvida que mora em seus espíritos: qual é a coisa certa a fazer? Com esta pergunta, minhas aulas alcançaram até mesmo as mentes do Oriente.

Meu **método** toma por inspiração o filósofo grego Sócrates. Eu proponho uma situação próxima da sua realidade, na qual exista uma questão moral, e então procuro instigar o aluno a dialogar comigo e com seus colegas.

Vejamos, por exemplo, a prática do cambismo. Você compraria ingressos de um cambista para assistir a um jogo de futebol? É uma partida que você não quer perder, mas os ingressos na bilheteria estão esgotados. Algumas pessoas compraram muitos ingressos porque sabiam que seriam procurados e agora você só pode comprar delas. Esses são os cambistas e eles vão lhe vender o ingresso mais caro do que estava à venda na bilheteria, obtendo, dessa forma, seu lucro.

#método socrático

Empregado por Sócrates, tomava por base o diálogo como forma de reflexão, sem a imposição de ideias, ocupando o lugar de interrogador e incentivando seu interlocutor a expressar suas verdadeiras ideias e convicções sem se preocupar com a opinião dos outros.

Algumas pessoas veem com bons olhos a prática do cambismo, uma vez que eles ficam na porta dos estádios vendendo ingressos e não é preciso pegar fila. Uma facilidade que aumenta a renda do vendedor, ainda que o faça de modo informal, pois a maior parte dos cambistas são pessoas das camadas mais pobres da população.

Por outro lado, a Lei 12.299, de 2010, prescreve que “vender ingressos de evento esportivo por preço superior ao estampado no bilhete” incorre em pena de “reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa”. Ou seja, é uma prática considerada criminosa.

Qual é a coisa certa a fazer?

Um dilema moral

Acredito que tenham pensado sobre a questão anterior. Pois bem, vamos ampliar as fronteiras de nossas mentes. A prática da venda de lugares na fila do hospital ou na marcação de consultas por cambistas seria moralmente condenável? Poderia uma pessoa saudável guardar lugar na fila do pronto-socorro e vendê-lo a quem pudesse pagar?

Até mesmo os defensores da venda de ingressos por cambistas devem pensar que não seria certo fazê-lo. Isso quer dizer que seria um ato de corrupção vender lugares na fila do hospital, mas não seria vender ingressos para uma partida de futebol?

Antes de responder, procure pensar se é possível julgar os dois casos da mesma forma. Via de regra, o julgamento que se aplica ao primeiro deveria também valer para o segundo. Mas esbarramos em uma questão-chave: estamos diante de um dilema moral. A partir do momento em que lidamos com a saúde e não com o entretenimento, atribuímos um valor diferente. Todavia, de onde provém este valor? Nascemos com ele? Nós o construímos socialmente? Está em nosso código genético?

Estamos conversando também sobre dois casos que envolvem a compra e a venda de algo. A lógica de mercado pode ser aplicada a tudo em nossa vida? Podemos precificar o lugar na fila de espera do hospital? O que, em nossa sociedade (e em nossas vidas), não está à venda?

Para compreender o que é justiça, não basta apenas responder essas perguntas, pois muitas vezes não encontraremos as respostas. No entanto, novas perguntas virão. Perguntas melhores na maior parte das vezes. Por este motivo, precisamos que existam debates públicos para que possamos discutir, ouvir e aprender em grupo.



VALORES MORAIS

Desde pequenos, aprendemos o que é certo e o que é errado. Há coisas que mudam de uma família para outra: o horário de chegar em casa, ou o quão organizado o quarto deve ficar. Mas questões mais importantes tendem a ser igualmente ensinadas a todos: não bater nos outros, respeitar as pessoas, ir à escola todos os dias.

Essas regras gerais aprendidas se baseiam em valores morais. Eles são uma espécie de princípios que determinam o que é socialmente aceito: o mínimo que todos devemos cumprir para ter uma convivência harmoniosa na sociedade em que vivemos. Como são frutos do meio social, podem variar de um lugar para o outro. Por outro lado, há valores que são universais, como o respeito à vida e à dignidade. A [Declaração Universal dos Direitos Humanos](#) e muitos outros documentos e resoluções das Nações Unidas existem para garantir que eles sejam respeitados.

Ao longo da história, contudo, foram discutidos quais valores morais seriam mais apropriados a cada época. [Immanuel Kant](#) foi um dos principais nomes desse debate. Para ele, as regras do que é certo e errado seriam imutáveis, e deveríamos agir sempre de acordo com elas em qualquer lugar do mundo. Posteriormente, um grupo de filósofos chamados de utilitaristas, entre eles [Jeremy Bentham](#), defendeu que a felicidade e a redução do sofrimento são o nosso maior objetivo, e por isso convém avaliar se as nossas ações são corretas ou não a partir desse referencial. Como em tantas outras questões na vida, o ideal parece ser o meio-termo: buscar a felicidade, mas sem nos guiarmos apenas pelos interesses pessoais – isto é, respeitando os valores de nossa sociedade e os direitos dos outros.

#Declaração Universal dos Direitos Humanos

Assinada em 1948, é um documento adotado pela Organização das Nações Unidas que consiste em 30 artigos. Serve de referência para a constituição e as leis de diversos países.

#Immanuel Kant (1724-1804)

Filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna.

#Jeremy Bentham (1748-1832)

Filósofo e jurista inglês que difundiu a teoria moral conhecida como “utilitarismo” ou “consequencialismo”, segundo a qual deveríamos aprovar uma ação na medida em que ela aumentasse a felicidade das pessoas ou reduzisse seu sofrimento.

#Kwame Anthony Appiah (1954)

Especialista em estudos culturais e literários, lecionou em universidades de diversos países. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

REVOLUÇÕES MORAIS

Pare um pouco e pense: quando contarmos para os nossos filhos e netos como o Brasil era em 2014, o que será motivo de vergonha e culpa?

Há várias respostas possíveis: a miséria provocada pela desigualdade social, os linchamentos públicos de pessoas acusadas de crimes que muitas vezes sequer cometeram, o tratamento desumano a que são submetidos os presos nas prisões do País.

Por que essa pergunta é tão pertinente? Esta é uma questão proposta pelo teórico [Kwame Anthony Appiah](#), e que nos faz perceber algo que nem sempre é óbvio: os valores morais também variam de acordo com a geografia e com o passar do tempo.

Fica mais fácil de entender se pegarmos um dos exemplos oferecidos por Appiah: antigamente, na China, todas as mulheres tinham os pés atados na infância para impedir o seu crescimento. Naquela sociedade, o ideal de beleza para uma mulher era ter pés pequenos e delicados, semelhantes a uma flor de lótus – independentemente dos danos que isso pudesse gerar à sua saúde. No século XIX, porém, frente ao repúdio de outros países em relação a essa prática, esse hábito desapareceu. E o mais curioso: o processo não levou mais do que 20 anos.

“Revolução moral” é o termo que Appiah utiliza para designar esse tipo de transformação: valores morais que, em períodos curtos, acabam passando por grandes mudanças. Outros exemplos seriam a abolição do tráfico de escravos a nível internacional, o fim de execuções em praças públicas etc.

Às vezes, há formas de injustiça que são toleradas dentro de nossa sociedade, mesmo diante da informação e dos recursos que hoje o mundo moderno nos possibilita.

(1989)

Mr. Rushdie

Eu me certifico de que palavras têm poder. Tenho certeza disso.

O primeiro passo foi meu. Foram minhas palavras, transformadas em literatura, que causaram tamanho impacto e me obrigam a viver no anonimato.

Quando Charles Dickens escreveu *Nicholas Nickleby*, todos souberam sobre a terrível situação de maus-tratos das crianças pobres e das condições das escolas públicas na Inglaterra. Por meio de suas palavras, aquilo veio a conhecimento da sociedade letrada e o país passou por uma mudança em suas leis para mudar o quadro descrito por Dickens.

E minhas palavras, o que elas irão causar ainda? A minha morte?

No momento, eu preciso sobreviver. Mas, assim que encontrar maior segurança, voltarei ao mundo das palavras e lutarei por minha liberdade de expressão.

Escrevo estas páginas porque não consigo dormir. Não esta noite.

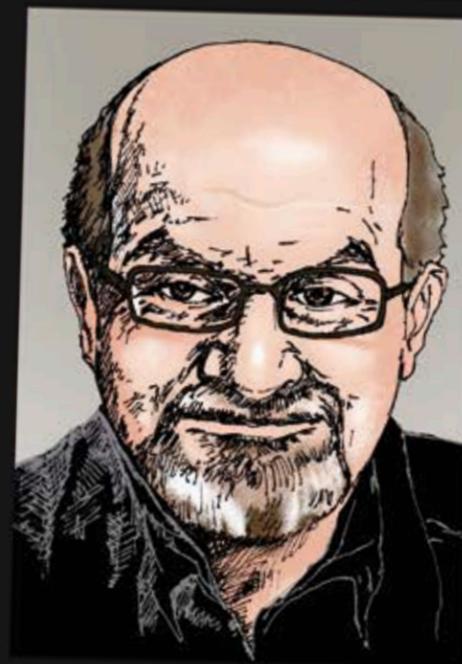
Em cada lugar, as palavras têm uma força diferente. Os indianos leram *Os filhos da meia-noite*, lançado por **Salman Rushdie** em 1981, com olhos diferentes dos ocidentais, para quem o livro tinha o tom de uma fantasia. Para os indianos, retratava a realidade vivida por eles.

Em 1989, o escritor lançou o livro *Os versos satânicos* sabendo que seria polêmico, mas não imaginando o quanto. Mesmo tratando-se de uma ficção, o **Ayatollah Khomeini** considerou a obra uma ameaça à religião islâmica e promulgou uma **fatwa** pela rádio Tehran conclamando os muçulmanos a tentarem assassinar o autor.

Até mesmo os editores do livro foram perseguidos, pois para Khomeini o escritor cometeu o crime de **apostasia**, punido com a morte.

#Ayatollah Ruhollah Khomeini
(1902-1989)

Fundador do moderno Irã e Líder Supremo do seu povo, governou o país da Revolução Iraniana (1979) até sua morte.



#Salman Rushdie
(1947)

Escritor britânico, conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2014. Esta página do diário de Rushdie é uma obra ficcional tendo como referência os acontecimentos de sua vida.

#fatwa

É um pronunciamento legal no Irã, emitido por um juiz ou acadêmico, que fornece uma opinião ou interpretação da leitura da Lei Islâmica.

#apostasia

Refere-se ao abandono da fé, da doutrina ou da religião. Na Lei Islâmica, um apóstata é punido com a morte.

#Xá Mohammad Reza Pahlavi
(1919-1980)

Monarca do Irã de 1941 a 1979, quando fugiu da Revolução Iraniana.

Salman Rushdie foi defensor da Revolução Islâmica no Irã, inclusive tendo denunciado o regime do **Xá Pahlavi**, mas isso não impediu o pronunciamento da **fatwa** e os 25 anos de perseguição sofrida, vivendo sob proteção policial.

O escritor sobreviveu, porém Hitoshi Igarashi, que traduziu *Os versos satânicos* para a língua japonesa, foi morto em 1991. Além dele, houve mais dois atentados a tradutores e muitos atentados a livrarias que vendiam a obra.

O livro foi banido em vários países, a maior parte no Oriente, e o Reino Unido e o Irã romperam relações diplomáticas. Apenas em 1998 o governo iraniano retirou a **fatwa**.

Para o Ocidente, a liberdade de expressão é um valor fundamental para a experiência democrática. Nos países islâmicos, entretanto, os valores são outros e os dogmas religiosos constituem uma lei superior. Não há a separação entre Estado e religião, o que transforma as diferenças de opinião em "pecado" e legítimas práticas violentas contra aqueles que são considerados "infiéis".

A defesa do livro realizada por Geoffrey Robertson, renomado advogado de direitos humanos, fez com que a lei inglesa de blasfêmia fosse abolida e o caso de *Os versos satânicos* foi considerado um dos mais significativos eventos literários pós-guerra.

Certa vez, Rushdie disse que o papel do escritor incluía a função de antagonista do Estado, sem imaginar que veria a queima de exemplares do livro em espaços públicos.

A cultura em diferentes contextos

Qual a coisa certa a fazer em relação ao caso do escritor Salman Rushdie? Assim como muitos outros escritores, ele abordou temas complexos da sociedade, encarando tabus e propondo a reflexão por meio da provocação, da metáfora e da ironia. Todavia, ao adentrar o campo da religião, foi incitada uma série de ações repressivas que não se sabe como e quando irão terminar.

Muitas religiões já foram abordadas em obras literárias e artísticas.

Caravaggio precisou pintar duas vezes o quadro *São Mateus e o Anjo*, pois não agradou a Igreja, que o encomendara. Na primeira versão, São Mateus aparece como um senhor humilde, escrevendo com o livro sobre seu colo, e o anjo a seu lado guiando suas mãos e com os pés tocando o chão. Uma representação sensível, talvez mais coerente com a descrição bíblica do apóstolo do que a versão pedida pela Igreja, que culminou em uma imagem na qual São Mateus aparece em belas vestes, com barba e cabelos bem aparados, uma auréola sobre a cabeça, escrevendo no livro sobre uma mesa, com o anjo acima, distante do apóstolo, voando, inspirando-o das alturas. Neste caso, prevaleceu uma representação alinhada aos valores da Igreja Católica.

#Michelangelo Merisi da Caravaggio (1571-1610)
Pintor italiano considerado a expressão máxima do Barroco.

#não teístas

A categoria inclui ateus (que rejeitam a existência de um Deus ou vários deuses), agnósticos (para os quais as verdades metafísicas e deístas reivindicadas não são conhecidas ou reconhecidas), célticos e todos os que, de alguma forma, rejeitam ou se abstêm da religiosidade teísta.

#Richard Dawkins (1941)

Escritor, etólogo e biólogo evolucionista. É defensor e divulgador do ateísmo, apoiado nas teorias e pesquisas evolucionistas.

Os valores defendidos por determinada instituição religiosa muitas vezes entram em conflito com valores pessoais, de outros grupos e de instituições. O uso da liberdade de expressão varia de acordo com as regras e as limitações de cada território e com a cultura nos mais diferentes contextos. Em nossa sociedade contemporânea, seu uso alargou-se sobremaneira, e autores **não teístas** como **Richard Dawkins** puderam lançar trabalhos, inclusive, intitulados como “Deus, um Delírio”.

Em um mundo complexo e veloz como o atual, no qual a conexão entre países e culturas diferentes é cada vez maior, é possível defender valores gerais para todos os seres humanos?

A luz sobre a religião

A mesma religião que prega o bem é a que gera atos violentos? As instituições religiosas e suas instâncias são cercadas de controvérsias. Muitos dos conflitos do passado e do presente são decorrentes de disputas religiosas.

A questão da justiça se torna demasiadamente delicada frente às religiões, uma vez que elas possuem códigos próprios de justiça. Em alguns países, a religião e o Estado operam de forma distinta, como no Ocidente, incluindo o Brasil, no qual as crenças religiosas não podem se sobrepor às leis do Estado. O princípio que ampara esta separação é conhecido como laicidade. Um Estado laico, assim, é aquele onde Estado e religião estão separados. Nos países que não reconhecem a laicidade, as leis são equivalentes aos dogmas religiosos, como é o caso do Irã.

A pesquisadora **Karen Armstrong** identifica um problema na “leitura moderna” dos textos sagrados: esta nunca esteve tão literal. Os rabinos da época do **Talmude** acreditavam que a revelação era um processo constante, que a todo o momento a leitura dos textos sagrados revelaria algo novo. A tendência contemporânea anda na contramão deste aspecto da transcendência religiosa, e os textos sagrados estão servindo como referencial para bulas e normas de conduta (e, conseqüentemente, a estrita determinação do que é ou não justo).

#Karen Armstrong (1944)

Escritora britânica, alia pesquisa acadêmica e religião. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

Armstrong defende que política e religião deveriam ser esferas distintas, mesmo que a potência para a violência exista em ambas. As grandes guerras modernas foram políticas e não religiosas. As Cruzadas e a Santa Inquisição parecem mostrar a força da violência religiosa, mas é preciso lembrar que a religião era a força política dominante na época. O Cristianismo não era violento até **Constantino**, que o associou às forças do império e passou a julgar os povos sob a lei bíblica.

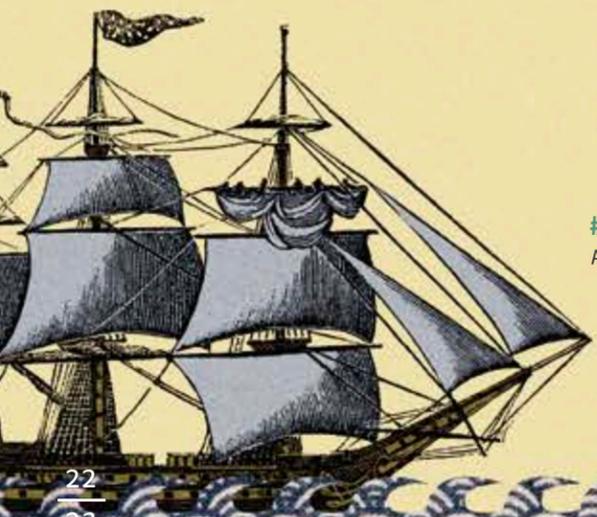
O papel da religião, para Armstrong, estaria em oferecer alternativas para uma vida com justiça, aliada ao respeito e à bondade, desafiando a violência em nossa sociedade.

#Talmude

Reunião de textos registrando discussões e proposições rabínicas acerca da lei e da moral no contexto do Judaísmo, livro sagrado dos judeus.

#Constantino Magno (272-337)

Também conhecido como Constantino, o Grande, foi o primeiro imperador romano a professar o Cristianismo.



Histórias de vida inspiradoras

Todos os dias, milhares de pessoas dedicam suas vidas a tornar o mundo um lugar mais pacífico e justo. As grandes mudanças só são possíveis quando são o resultado de um esforço coletivo. Ao longo do tempo, diversos foram os líderes que se destacaram por seu caráter pioneiro e pela importância das suas conquistas, contribuindo para que o mundo possa se tornar melhor.

MAHATMA GANDHI (1869-1948)

Um dos pacifistas mais importantes da história. Líder político e espiritual da Índia, grande defensor do *Satyagraha* – princípio de não agressão que promoveu formas de protesto e resistência sem a utilização da violência. Além de ter se oposto àqueles que apoiavam a guerra contra os britânicos como forma de alcançar a independência da Índia. Gandhi sempre reforçou cinco pontos em suas falas: a igualdade, a amizade, a igualdade para as mulheres, a recusa de álcool e drogas e o apelo pela tolerância religiosa.



DENIS MUKWEGE (1955)

Médico que dedica sua vida ao atendimento de mulheres vítimas de violência sexual na República Democrática do Congo. Com seus colegas e o apoio financeiro da Unicef, montou um hospital em Bukavu, por onde já passaram mais de 30 mil mulheres estuproadas e mutiladas. Os grupos rebeldes que se enfrentam na região transformaram o estupro em uma arma de guerra. Recentemente, Mukwege sofreu um atentado no qual morreu um dos seus assistentes. Foi retirado às pressas para a Europa, mas decidiu retornar ao Congo, onde permanece com seu trabalho na luta contra as atrocidades da guerra. Indicado ao Prêmio Nobel da Paz por diversas vezes.



NELSON MANDELA (1918-2013)

Grande defensor dos direitos humanos e da igualdade social. Mandela nasceu em uma família nobre de uma pequena aldeia do interior da África do Sul. Mais tarde, iniciou seu ativismo político na capital Joanesburgo e tornou-se um dos líderes da resistência não violenta ao *apartheid* – sistema de segregação racial que fazia com que os brancos do país tivessem privilégios em relação aos negros. Por causa de sua atuação, foi condenado como traidor e ficou 27 anos preso. Em 1990, foi libertado devido a pressões internacionais. Nos anos seguintes, uma votação entre os brancos da África do Sul decretou o fim do *apartheid*. Mandela teve um papel crucial para evitar atos de violência no período, e por isso recebeu o Nobel da Paz em 1993. No ano seguinte, tornou-se presidente do país. Seu governo foi marcado por ações de conciliação entre brancos e negros.



MARTIN LUTHER KING JR. (1929-1968)

Principal líder dos movimentos de direitos civis dos Estados Unidos. Seus discursos se caracterizavam pelo repúdio à violência e ao racismo e pelo estímulo à amizade. Um de seus maiores feitos se deu em cooperação com a líder Rosa Parks, que, em 1955, se recusou a obedecer às regras de segregação racial que proibiam negros de sentar nos mesmos assentos que os brancos nos ônibus. Os protestos liderados por eles deram início a uma revolução, que levou à revogação das leis discriminatórias que existiam nos Estados Unidos naquela época. Em 1964, Luther King recebeu o Prêmio Nobel da Paz em reconhecimento aos seus esforços.



Arte e Cultura da Paz

No cinema, nos livros, na música, na fotografia...
Encontramos exemplos de obras que clamam por um mundo mais justo.

Racionais MC's – grupo de rap que utiliza em suas letras uma abordagem realista para discutir as dificuldades de se ter paz nas periferias brasileiras.

Carol Gilligan – filósofa norte-americana que escreveu sobre a “ética do cuidado”, aborda o conceito de justiça a partir das relações existentes entre as pessoas.

Joe Sacco – nascido em Malta, o jornalista conta a realidade de pessoas em zonas de guerra (como a Bósnia e a Faixa de Gaza) através de histórias em quadrinhos.

Simone de Beauvoir – escritora francesa de viés feminista, foi uma intelectual de destaque na história da luta pelos direitos das mulheres.

Sebastião Salgado – o fotógrafo brasileiro mostra por meio de seu trabalho as dificuldades impostas pela pobreza e pela desigualdade em diversos lugares do mundo.



A DIFERENÇA QUE RESIDE NA SEMELHANÇA

Muitas são as possibilidades de escolha. Vivemos em um mar de preferências. Então, o que aconteceria se trocássemos a lógica da homogeneidade pela heterogeneidade?

O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

O sociólogo Zygmunt Bauman discute a questão da tolerância no contexto da justiça. Na busca de saber qual é a coisa certa a fazer, muitos acabam dizendo aos outros que “estão em erro e, portanto, devem mudar de opinião”. Esse comportamento é, no entanto, uma maneira de confirmar a superioridade daquele que “indica” o erro e concede a ele um certo direito de comando. Esta lógica da homogeneidade, em sua dimensão radical, esteve presente nos projetos totalitários, como o Nazismo.

A verdade aparece como uma relação social, pois mostra a hierarquia constituída, a dominação ou a pretensão de dominar por meio da hegemonia, ou seja, por uma mesma verdade (ditada pelos superiores) para todos. Bauman ressalta que, ao buscar a universalização, mais diferenças surgiram. Os sólidos referenciais morais do passado cederam lugar ao líquido e ao volátil. Para o sociólogo, a nossa época atual é representada por essa modernidade líquida, com muita incerteza e insegurança sobre tudo.

Há mais diferença que igualdade em nossa cultura. A tarefa de encontrar ou impor verdades universais apenas mostrou o quanto ela é impossível. Os questionamentos de Michael Sandel são muito complexos, e precisamos ir além da tolerância.

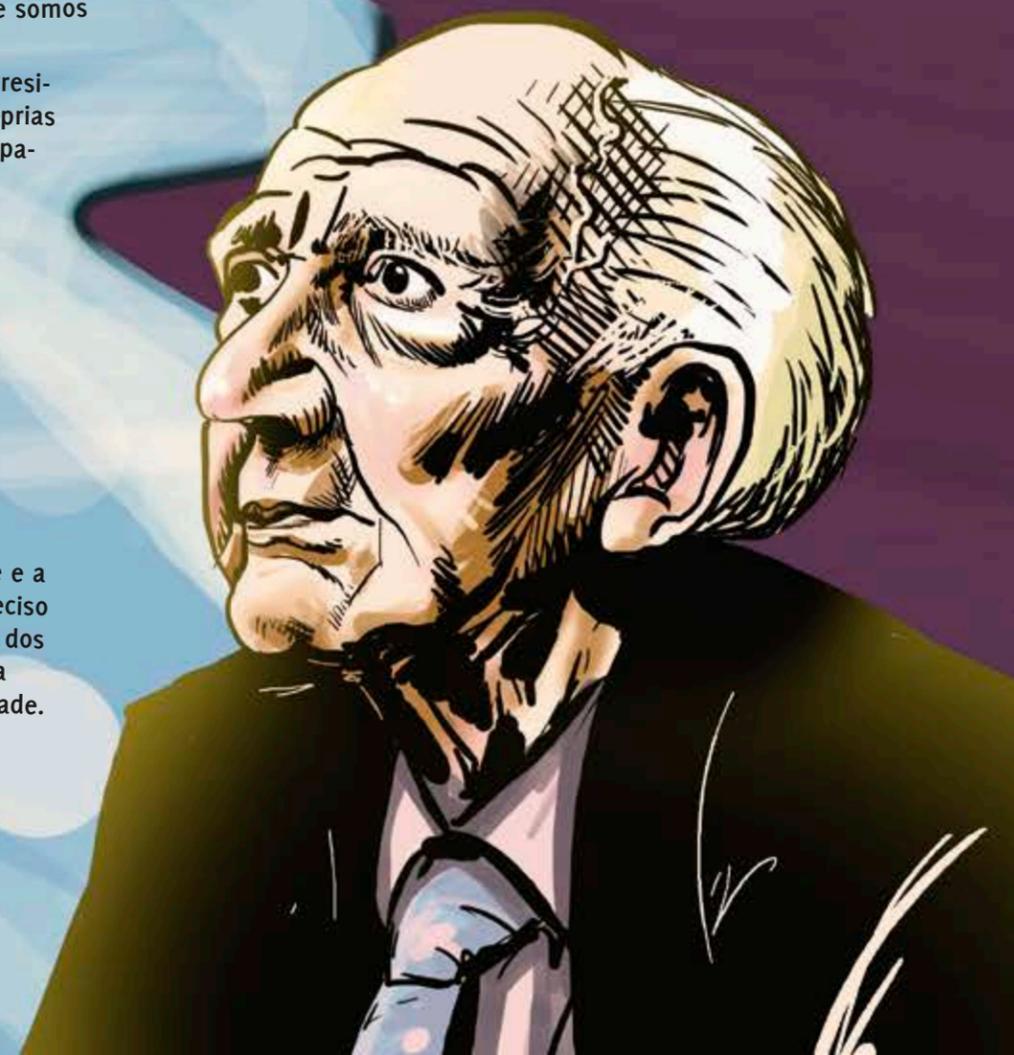
O respeito às diferenças, como o ideal democrático, pertence ao que há de mais generoso na tradição cultural ocidental. A mesma tradição que apresentou a ideia subversiva de que há direitos que dizem respeito à condição humana e que, portanto, devem ser respeitados de forma incondicional por todos (e para todos) os seres humanos. Democracia, tolerância e direitos humanos são valores universais, além de princípios e ideias reguladoras que funcionam como evidências da razão. É preciso reconhecer as diferenças, mas sem esquecer que os seres humanos não são tão diferentes ao ponto de não poderem ser tratados com os mesmos valores de respeito, consideração e não violência.

Tolerar pode significar indiferença. O outro está lá e não posso mudá-lo, portanto o tolero, mantendo uma coexistência suportável. Mas, ao se partir do pressuposto de que somos

todos diferentes, é justamente na diferença que residirá nossa semelhança. O respeito às nossas próprias diferenças só poderá ser alcançado se formos capazes de respeitar as diferenças dos outros.

No entanto, exemplos de intolerância, como o racismo, a homofobia, o machismo, entre outras posturas que humilham ou depreciam as pessoas, são diferenças que não devem ser toleradas. Nas democracias modernas, há leis que procuram garantir os direitos de todos, exatamente para que as violações não sejam aceitas.

Para viver a igualdade, a liberdade e a fraternidade, nesse contexto, é preciso assumir a responsabilidade diante dos demais. Responsabilidade supera a indiferença e nos leva à solidariedade.





Você, que faz parte da “Geração Z”, é sujeito e protagonista do mundo no século XXI. Com amplo acesso a todos os caminhos da informação abertos na esfera digital, pode chegar a uma qualidade de conhecimento extraordinária, revolucionária. Além disso, nos dias de hoje, é possível contar com dispositivos digitais carregados junto ao corpo que permitem conexão permanente com uma imensa rede internacional. A amizade, o amor e o conhecimento ganharam um novo cenário. Isso potencializa os momentos para que você aprenda sobre o patrimônio e os desafios da humanidade e aja para melhorar o mundo, em atitudes que vão do seu ambiente familiar à nação, do seu bairro ao globo conectado.

Os conceitos de justiça, tolerância e igualdade estão presentes em nosso cotidiano. Nossa sociedade foi influenciada tanto pelo relativismo, com leis determinadas para cada país, quanto pelo universalismo, com a garantia dos direitos básicos para todos. São esses direitos que nos tornam cidadãos. Reconhecer nossas diferenças é o que nos leva à solidariedade e à democracia, combatendo a intolerância, o preconceito e a desigualdade social.

PATROCÍNIO EXCLUSIVO



PARCERIA INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO

